

MEMÓRIA, LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE: A CURA EM ANÁLISE COMO O TRABALHO DE REMEMORAÇÃO, PRODUÇÃO DE NARRATIVAS E RETIFICAÇÕES SUBJETIVAS

Laelson Matos Ribeiro Júnior

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Edvania Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Objetivamos, neste artigo, analisar alguns dos modos pelos quais, na psicanálise de base freudiana, os processos de subjetivação estão irremediavelmente relacionados a uma articulação entre memória e linguagem. Para tanto, elegemos a ideia da “cura” em psicanálise como um fio condutor que guiará nossas análises, pois acreditamos poder encontrar, no processo de cura do sintoma, de forma bastante elucidativa, a emergência da articulação entre memória, linguagem e processos de produção de subjetividade. A fim de operacionalizar tal trabalho, realizamos revisões teóricas sistemáticas e procuramos tecer relações entre conceitos cunhados em momentos distintos da produção teórica realizada por Freud, buscando marcar os contornos de sua concepção de memória, e como esta se relaciona com a subjetividade e a linguagem. Nosso percurso analítico mostra que, embora Freud não tenha cunhado uma teoria propriamente dita a respeito de como a linguagem opera de forma basilar para a constituição da subjetividade, todos os elementos para tal leitura estão postos em sua obra. A cura em análise será, a partir de Freud, um processo de produção de modalidades singulares de subjetividade. Isto, pois, a efetuação de todo processo de cura em psicanálise demanda uma retificação subjetiva do sujeito frente a seu sintoma, e essa retificação apenas se faz possível na medida em que há uma relação na qual memória e linguagem estão implicadas de maneira fundamental.

Palavras-chave: Linguagem. Memória. Psicanálise.

Introdução

Se nos debruçarmos sobre a psicanálise freudiana, mesmo que por pouco tempo, é provável que logo nos deparemos com uma série de conceitos e produções teóricas que tem sua constituição marcada por variadas configurações e reconfigurações, que ocorreram ao longo de décadas de trabalho. De fato, temos Freud como um autor que funda um discurso, funda uma modalidade específica de saber (FOUCAULT, 1992 [1969]).

Nesse saber fundado por Freud, subjetividade, memória e linguagem sempre foram elementos centrais com os quais o referido autor se preocupou. Nossa proposta, neste trabalho, é a de indicar, de forma mais explícita, como Freud promoveu essa articulação entre linguagem, memória e subjetividade. Acreditamos que a “cura” em análise seja um processo a

partir do qual a relação entre esses três termos fique bastante visível, portanto, elegeremos a cura analítica como um norte, um fio condutor, a partir do qual procuraremos delinear de que modo memória, linguagem e processos de produção de subjetividade estão intrinsecamente relacionados no interior da teoria freudiana.

Para tanto, procederemos da seguinte maneira: iniciamos nosso percurso por uma discussão da teoria da memória elaborada por Freud, partindo do “Projeto para uma psicologia científica” (1954 [1895]) e da “Carta 52” (1950 [1896]). É possível que tais obras não sejam as melhores para entrarmos no tema da relação entre linguagem e subjetividade em Freud, mas esse movimento se faz necessário, pois, nos permite delinear que tipo de memória é essa que Freud conceitua e como a linguagem se articulará a ela no processo de cura do sintoma na clínica da neurose.

Nossa segunda sessão possui dois momentos principais: inicialmente, dissertaremos sobre aquilo que Freud denominou, em seus primeiros trabalhos, de teoria do trauma e abreação. Elegeremos tais construções teóricas para indicar o papel desempenhado pela linguagem na terapêutica da histeria e na cura dos sintomas, apontando para o fato de que a clínica psicanalítica, desde seu início, articulava memória e linguagem na constituição dos processos subjetivos. Posteriormente, em nosso segundo momento, apresentamos uma sucinta discussão acerca do texto “A interpretação dos sonhos” (2019 [1900]), atentando-nos, mais especificamente, aos mecanismos oníricos de “condensação” e “deslocamento”, a fim de delinear de que maneira a linguagem também estava implicada nos processos de constituição subjetiva do próprio sujeito, mostrando sua abrangência para um campo além de uma clínica da histeria.

Por fim, nos deteremos, principalmente, sobre as obras “Recordar, repetir e elaborar” (2010 [1914]) e “Luto e melancolia” (2010 [1915]), a fim de que possamos traçar os contornos dos modos pelos quais, na teoria freudiana, a cura em análise apreende mais do que uma rememoração da experiência traumática e uma enunciação dela pela via da linguagem. A cura do sintoma será pensada, assim, como um processo que põe em marcha a necessidade de um trabalho de memória que se alinha a uma retificação subjetiva do sujeito – de modo que a elaboração de uma narrativa sobre as marcas psíquicas envolve a resignificação dos papéis atuados pelo sujeito junto às suas questões.

Memória como marca

A teorização freudiana sobre a memória é bastante ampla e dispersa por toda sua obra. As primeiras formulações do referido autor sobre a natureza das funções mnemônicas podem ser encontradas ainda nos trabalhos anteriores à “Interpretação dos Sonhos” (FREUD, 2019 [1900]), tidos, muitas vezes, como pré-psicanalíticos. No “Projeto para uma psicologia científica”, escrito em 1895, Freud (1954 [1895]) afirma que “qualquer teoria psicológica que mereça consideração deve fornecer uma explicação para a memória”¹ (FREUD, 1954 [1895], p. 359, tradução nossa).

No trabalho em questão, Freud propõe a tese de que aquilo que diferenciaria o estado de atividade do estado de repouso do organismo seria uma certa quantidade “Q” de natureza inespecífica², e que as partículas materiais, sobre as quais se baseariam os processos psíquicos, em situação de repouso ou atividade, seriam os neurônios.

Freud nos afirma, em seguida, que poderíamos inicialmente, dividir esses neurônios em dois grupos: o primeiro deles se mostraria completamente permeável a “Q” – entendido aqui como um quantitativo de energia. Estes neurônios possuiriam algo que o autor denomina “barreiras de contato”, porém, por serem permeáveis, as “barreiras de contato” destes neurônios não ofereceriam nenhuma resistência à passagem do estímulo excitatório, e, deste modo, se manteriam completamente inalteradas após a passagem do referido estímulo. Este grupo de neurônios é batizado por Freud (1954 [1895]) como sistema Φ , e se relaciona com as funções da percepção.

O segundo grupo de neurônios, denominado por Freud (1954 [1895]) de sistema Ψ , operaria de maneira oposta ao primeiro, pois seria impermeável a “Q”. Ao entrar em contato com o estímulo excitatório, as barreiras de contato desse grupo de neurônios se apresentariam oferecendo resistência à passagem de “Q”. Esse grupo de neurônios, afirma Freud, “são os

¹ “Any psychological theory deserving consideration must provide an explanation of memory” (FREUD, 1954 [1895], p. 359).

² No “Projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]) a natureza de Q é bastante inespecífica. Freud refere-se a isto apenas como um quantitativo, embora não saibamos especificamente o que se está quantificando. No entanto, podemos nos amparar em outras obras freudianas posteriores ou em trabalhos de comentadores da obra deste autor para tentar tornar a ideia um pouco mais fácil de se compreender. Em obras como “Além do princípio do prazer” (2010 [1920]), essa ideia de um quantitativo do qual o organismo tenta se livrar, ou abaixar até um certo nível de homeostase, é retomada, mesmo que com outras terminologias. Se pensarmos em obras como essa, Q seria, então, uma forma de energia, energia libidinal, se assim preferirmos, algo que investiria os neurônios. O termo utilizado por Freud, em 1895, para definir esse estado ocupação dos neurônios por Q foi *besetzung*, traduzido para “catexia”, por Strachey, e para “investimento”, em muitas traduções para o português. *Besetzung* é o mesmo termo usado em obras posteriores, quando, por exemplo, Freud fala de investimento de libido em um objeto. Garcia-Roza (2011, p. 39), em “Freud e o inconsciente”, afirma *besetzung* se trata de uma carga de afeto ou soma de excitação. Deste modo, para tentar tornar o exercício de entendimento do projeto ligeiramente menos complexo, podemos assumir, aqui, de antemão – embora pareça um anacronismo – Q como um quantitativo de energia afetiva, libidinal, uma carga de excitação.

veículos da memória e, presumivelmente, portanto, dos processos psíquicos em geral” (FREUD, 1954 [1895], p. 360, tradução nossa)³.

A implicação dessa impermeabilidade, segundo o autor, é que “essa segunda classe pode ser deixada em uma condição modificada após cada excitação e, portanto, oferece a possibilidade de representar a memória”⁴ (FREUD, 1954 [1895], p. 360, tradução nossa). No entanto, a ideia de Freud é mais radical do que a simples afirmação de que as barreiras de contato do sistema Ψ podem ser deixadas em condição modificada após a excitação. Estas alterações são permanentes, de maneira que as marcas da passagem dos estímulos excitatórios não podem ser apagadas e um retorno ao estado anterior não se faz possível.

O argumento de Freud (1954 [1895]), o qual permitiria, a partir de tal proposição explicar a memória, pode ser resumido da seguinte forma: esses neurônios que compõem o sistema Ψ são permanentemente alterados no curso de estímulo excitatório, ou, dito de outro modo, suas barreiras de contato são alteradas permanentemente para uma condição diferente da anterior. Assim, as barreiras de contato se tornariam mais ou menos permeáveis a “Q”, facilitando ou dificultando a sua passagem. A passagem de “Q” pelo sistema Ψ , através de alteração permanente das barreiras de contato dos neurônios, criaria “rotas” (*Bahn*) privilegiadas pelas quais “Q” passaria, permitindo pensar as barreiras de contato segundo o seu grau de facilitação (*Bahnung*) (FREUD, 1954 [1895]). Freud pontua, assim, que “a memória é representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios Ψ ”⁵ (FREUD, 1954 [1895], p. 361, tradução nossa).

Essa modalidade de pensamento da memória é complementada na “Carta 52” (1950 [1896]), enviada por Freud a Fliess em 1896. Nela, podemos ver Freud propor que a memória funcionaria por traços mnemônicos (*erinnerungsspuren*): as experiências trariam consigo estímulos, e estes, ao passar pelo aparelho psíquico, poderiam deixar marcas no sistema inconsciente, representando assim a memória; estas marcas, signos, traços mnêmicos, seriam passíveis de sofrerem rearranjos e retranscrições de tempos em tempos. A rememoração, por sua vez, seria um efeito da passagem de algo inscrito no domínio do inconsciente para o campo da consciência, apresentando-se como uma espécie de tradução do traço mnésico deixado no sistema psíquico.

³ “[...] and *impermeable* neurones (offering resistance and retaining quantity [*Q'n*]) which are the vehicles of memory and presumably, therefore, of psychical processes in general” (FREUD, 1954 [1895], p. 360).

⁴ “This second class may be left in a modified condition after each excitation, and thus afford a *possibility of representing memory*” (FREUD, 1954 [1895], p. 360).

⁵ “It is therefore more correct to say that memory is represented by the *differences* in the facilitations between the Ψ -neurones” (FREUD, 1954 [1895], p. 361).

O que haveria de essencialmente novo na teoria freudiana, segundo o próprio autor, seria “a afirmação de que a memória não é simples, mas múltipla, estabelecida em diferentes tipos de signos”⁶ (FREUD, 1950 [1896], p. 185, tradução nossa).

Este modo de teorizar a memória apresentado por Freud possui muitas implicações relevantes, mas, aqui, queremos nos atentar para uma delas de maneira mais específica: a ideia de que a memória não seria uma cópia mais ou menos fiel das percepções que geraram aqueles traços. Devido ao fato de que a relação dos traços mnêmicos (*erinnerungsspuren*) estaria sujeita a um rearranjo de tempos em tempos (*von Zeit zu Zeit*), levando em conta às interações do sujeito com o mundo e com o outro, essa reorganização não manteria nenhuma relação necessária com a realidade material. Assim, a possibilidade de rearranjo dos traços estaria na base dos processos de significação e ressignificação *a posteriori* das experiências, sendo condição necessária para toda a possibilidade de cura dos sintomas neuróticos sobre os quais a clínica psicanalítica freudiana se deterá.

No “Projeto para uma psicologia científica” (1954 [1895]), Freud se questiona por quais razões o recalque incidiria de modo privilegiado sobre a sexualidade, e nos indica, então, de que modo o mecanismo do recalque supõe dois acontecimentos separados nitidamente no tempo. No primeiro momento, estaria a cena sexual, mas que naquele momento ainda não tinha um significado de ordem sexual. No segundo momento, no entanto, haveria certas analogias que permitiriam que este momento fosse relacionado ao primeiro, mesmo que de forma superficial, e dotado de novo sentido. “Nesta perspectiva”, como nos afirmam Laplanche e Pontalis, “só a segunda cena confere à primeira o seu valor patogênico” (2001 [1987], p. 35). Freud (1954 [1895]) pontua, ainda a esse respeito, que se pode constatar no trauma uma memória reprimida que apenas *a posteriori* (*Nachträglich*) se fez trauma.

A exposição que realizamos até agora, a respeito da teoria dos traços mnêmicos expressa no “Projeto para uma Psicologia científica” (FREUD, 1954 [1895]) e na “Carta 52” (1950 [1896]), certamente não nos permite situar com precisão o lugar da linguagem no interior dos processos de subjetivação na psicanálise freudiana, mas nos permite a apreensão de uma memória que se faz como marca passível de ser rearranjada e ressignificada através de uma série de processos. Essa conceituação do trauma e de uma ideia de memória que possui o caráter de *a posteriori* abre caminho para que possamos entrar na temática da ab-reação e da cura pela fala, em que a linguagem possui lugar de destaque.

⁶ Das wesentlich Neue an meiner Theorie ist also die Behauptung, daß das Gedächtnis nicht einfach, sondern mehrfach vorhanden ist, in verschiedenen Arten von Zeichen niedergelegt” (FREUD, 1950 [1896], p. 185).

Cura pela fala: linguagem e sintoma

Em um texto, publicado em 1896, denominado “A etiologia da histeria”, Freud (2006 [1896]) teoriza a respeito do papel que os traumas de natureza sexual teriam na constituição dos sintomas histéricos. Segundo o autor, tais traumas se apresentariam como o núcleo central da neurose histérica, de modo que a origem do sintoma poderia ser explicada a partir da referência a um trauma que fora vivido pelo indivíduo ainda nos seus primeiros anos da infância (FREUD, 2006 [1896]).

Na perspectiva desenvolvida por Freud, no ensaio supramencionado, as histéricas – e os histéricos –, em algum momento de sua infância, teriam vivenciado uma determinada situação de abuso por parte de algum adulto influente. No entanto, em um primeiro momento, um trauma não seria instaurado, apesar de as marcas mnêmicas serem deixadas. Isto aconteceria, pois, naquele momento, a criança ainda não possuiria os recursos necessários para simbolizar a situação vivida como um ato de natureza abusiva. Apenas em um segundo momento, após a maturação sexual, quando a lembrança da experiência primeira acontece, é que ela é ressignificada e seu sentido passa a ser apreendido em outra dimensão, sob a forma de abuso.

A lembrança da experiência abusiva mobilizaria um *quantum* de afeto que provocaria um desprazer no Eu. Com o propósito de evitar o desprazer que estaria ligado à lembrança da experiência⁷, o indivíduo recalcaria a situação traumática, que, apesar de distante dos domínios da consciência, continuaria a operar, podendo retornar sobre o corpo

⁷ Freud teorizou, pela primeira vez, em 1895, no "Projeto para uma psicologia científica" (1954 [1895]), que o organismo teria uma tendência natural a tentar reduzir ao mínimo possível o nível de tensão no sistema. O aumento da tensão, causado pelas mais diversas interações com o mundo e com o outro ou advinda do interior, dos próprios desejos, memórias, pensamentos, caso aumentada, causaria desprazer ao sujeito. Assim, o organismo trabalharia a fim de descarregar essa tensão ou mesmo impedir que ela aumentasse, para, dessa forma, evitar o desprazer. O referido autor chama este movimento de “princípio de inércia”. No entanto, este nível de energia que atravessa o organismo não poderia ser reduzido a um quantitativo igual a zero, pois este representaria um estado em que a realização de quaisquer atividades não se faz possível. Nesses casos, um outro princípio agiria, buscando manter o nível de tensão o mais baixo possível, mas ainda dentro dos limites de efetuação das atividades próprias da vida, neste caso estaria em operação aquilo que Freud (1954 [1895]) denominou “princípio de constância”. O organismo buscaria, assim, por meio da efetivação de dois princípios, uma homeostase do sistema. Embora, no decorrer de sua obra, Freud tenha dado contornos específicos à teorização dessa energética – em que o aumento de tensão está relacionado ao desprazer e o prazer se relaciona com descarga de energia –, essa ideia atravessa toda a sua teoria. Não por acaso, a ideia defendida pela primeira vez ainda no fim do século XIX se reconfigura e retorna no emblemático texto de 1920 – “Além do princípio do prazer” (FREUD, 2010 [1920]) –, estando na base do jogo entre “pulsão de vida” e “pulsão de morte”.

sob a forma de sintoma histérico. Freud (2006 [1896]) sedimenta, então, as bases daquilo que foi, posteriormente, chamado “teoria da sedução” ou “teoria do trauma”.

A situação traumática recalçada estaria, dessa forma, no cerne dos sintomas apresentados na neurose histérica. Neste modelo de clínica, o qual Freud colocava em movimento naquele momento específico de seu percurso intelectual, para que uma cura do sintoma fosse possível, o analista/médico deveria trabalhar de modo que fizesse o paciente rememorar a cena primária do trauma que lhe adoecera.

O procedimento de recordação da cena primária do trauma, relacionado a aspectos materiais da experiência, se relacionaria intimamente com aquilo que Freud e Breuer, na obra “Estudos sobre a histeria” (1992 [1893-1895]), denominaram de “método catártico”. Nessa forma de tratamento, bastante distinto da associação livre que é marca da clínica psicanalítica no século seguinte, o médico, por meio da hipnose, dava indicações para que seu paciente retornasse à questão traumática que ele afastou dos domínios da consciência através do recalque. Esse retorno, uma rememoração que se dava sob o estado de hipnose, um estado alterado de consciência, promoveria uma descarga do afeto que estava relacionado ao conteúdo recalçado.

Freud e Breuer (1992 [1893-1895]) afirmam que tal reação de ordem catártica, em relação ao trauma, apenas obteria pelo efeito se a reação fosse adequada ao trauma em si: uma ab-reação. Os supramencionados autores afirmam que “por ‘reação’ entendemos aqui toda a série de reflexos voluntários e involuntários em que, segundo o que sabemos por experiência, se descarregam os afetos: do choro até a vingança”⁸ (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa).

Nas situações em que essa reação adequada ao trauma (ab-reação) ocorre “em uma escala suficiente, desaparece boa parte do afeto; nossa linguagem testemunha esse fato da observação cotidiana através das expressões ‘*sich austoben*’ [‘desabafar’], ‘*sich ausweinen*’ [‘desabafar chorando’]”⁹ (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa). No entanto, caso se opere na via oposta e o afeto de ordem inconsciente seja suprimido, ele não desvanece. Pelo contrário, ao ser recalçado, o afeto irá permanecer ligado à lembrança e retornará sobre o corpo sob a forma de sintoma.

⁸ “Por ‘reacción’ entendemos aquí toda la serie de reflejos voluntarios e involuntarios en que, según lo sabemos por experiencia, se descargan los afectos: desde el llanto hasta la venganza” (BREUER; FREUD, 1992 [1893/1895], p. 34).

⁹ “Si esta reacción se produce en la escala suficiente, desaparece buena parte del afecto; nuestra lengua testimonia este hecho de observación cotidiana mediante las expresiones ‘*sich austoben*’ [‘desfogarse’], ‘*sich ausweinen*’ [‘desahogarse llorando’]” (BREUER; FREUD, 1992 [1893/1895], p. 34).

Freud e Breuer prosseguem com a argumentação e afirmam que “o ser humano encontra na linguagem um substituto da ação; com seu auxílio, o afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase do mesmo modo”¹⁰ (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa). Dessa maneira, ainda em seus trabalhos iniciais com Breuer, a linguagem já era delineada por Freud como algo da ordem de um substituto do ato. Assim, não é um mero acaso que vejamos os autores acima citados proporem que, em certos casos, “o dizer é, em si mesmo, o reflexo adequado, como queixa e como declaração, em caso de um segredo que atormenta [a confissão!]”¹¹ (BREUER; FREUD, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa).

No entanto, precisamos ir além, pois essa leitura ainda não permite apreender a dimensão que a linguagem possui na teorização freudiana. Melhor seria dizermos que a linguagem pode substituir certas ações porque a linguagem é, em si mesma, um ato que não apenas mobiliza os afetos, ao dar densidade de atuação à experiência rememorada e ao desejo verbalizado, mas estrutura o próprio psiquismo.

Em 1900, no texto “A interpretação dos sonhos”, Freud parte dos sonhos para ampliar sua compreensão dos processos subjetivos. Segundo o autor (FREUD, 2019 [1900]), no terreno dos sonhos, em que as exigências próprias da consciência perdem sua primazia, os restos diurnos, as memórias marcadas em nós ainda durante a infância e um amplo grupo de elementos existentes em nosso psiquismo se apresentam em uma trama na qual se condensam e se deslocam.

Nos sonhos, defende Freud (2019 [1900]), as produções oníricas apresentam figuras singulares em que vários personagens da vida do sujeito encarnam o corpo de um único ente. Essa figura, impossível de existência em estado de vigília, ao mesmo tempo condensa em si, por razões absolutamente inconscientes, elementos associados, por exemplo, ao pai, à professora do jardim de infância, ao melhor amigo, à primeira namorada, à última esposa – e muitas outras possibilidades de arranjo.

O/A relato/análise do sonho da injeção de Irma, presente ainda em “A interpretação dos sonhos” (FREUD, 2019 [1900]), apresenta, de forma particularmente elucidativa, o trabalho de condensação (*Verdichtung*) existente nos processos oníricos. A figura de Irma, presente no sonho de Freud, concentrava elementos de inúmeras mulheres: desde sua esposa até sua filha, passando por uma mulher provocante que Freud gostaria de ter como paciente e

¹⁰ “[...] el ser humano encuentra en el lenguaje un sustituto de la acción; con su auxilio el afecto puede ser ‘abreaccionado’ casi de igual modo” (BREUER; FREUD, 1992 [1893/1895], p. 34).

¹¹ “el decir mismo es el reflejo adecuado, como queja y como declaración en el caso de un secreto que atormenta (¡la confesión!)” (BREUER; FREUD, 1992 [1893/1895], p. 34).

uma criança. Na condensação essas imagens se agrupam, sem se aterem a qualquer lógica da consciência, obedecendo ao funcionamento do inconsciente e do desejo.

Juntamente com o processo de condensação, age na constituição dos sonhos o trabalho de deslocamento (*Verschiebung*). Freud (2019 [1900]) pontua que o deslocamento pode se manifestar de duas maneiras: na primeira delas, um certo elemento latente é substituído por um componente de natureza mais remota, ou seja, realiza-se uma alusão. Na segunda forma, não se trata de substituir elementos, ao menos não somente, mas de uma troca de acentos: muda-se a acentuação de um elemento psíquico particularmente relevante para um outro que não possui importância, de modo que o sonho parece descentrado.

Lacan (1999 [1970]), por sua vez, realiza uma leitura de Freud a partir da qual os mecanismos de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*) são pensados como elementos linguísticos, a saber, respectivamente, metáfora e metonímia. Para Lacan (1999 [1970]), não existe metáfora sem que haja metonímia, e o inverso também é verdade. Toda metonímia, segundo o autor, é um efeito de uma operação metafórica interrompida pelo recalque, bem como toda metáfora constitui-se como efeito de uma operação metonímica.

Não é nossa intenção aqui nos atermos ao trabalho de Lacan. Trazemos a contribuição desse autor para mostrar que, em certa medida, os processos constitutivos do sonho, que também estão presentes na clínica e na constituição de modalidades de subjetividade, podem ser pensados como processos de ordem linguística. Embora Freud não tenha se detido em uma conceituação teórica propriamente dita de tal movimento, a linguagem já se apresentava, em seus trabalhos, como elemento estruturante da subjetividade.

Desse modo, não é um mero acaso que a psicanálise tenha sido conceituada como uma “cura pela fala”. A razão para isto não se deve apenas ao fato de que uma análise tem em suas bases a associação livre e se dá através da fala, mas porque todo o movimento de análise é pensado como um processo que mobiliza uma certa memória, sempre ligada a um *quantum* de afeto, e coloca em marcha processos que só se articulam através da linguagem.

Elaboração de uma posição subjetiva: linguagem ao infinito

Durante as décadas que se ocupou com sua produção teórica, Freud publicou uma série de pequenos textos sobre a técnica psicanalítica. Dentre eles, talvez o mais lido e mais interessante seja um ensaio, publicado em 1914, denominado “Recordar, repetir e elaborar” (2010 [1914]). No trabalho em questão, que em seu próprio título sistematiza o movimento de

uma análise, podemos ver de que maneira a linguagem aparece como um elemento fundamental na elaboração de posições subjetivas distintas por parte do sujeito, estando, assim, implicada de forma indelével no processo de elaboração que está articulado ao “trabalho de memória”.

No referido texto, pensando os processos relativos à clínica psicanalítica, Freud (2010 [1914]) nos apresenta, dentre outras, a ideia de repetição – que anos depois ganhará o status denso de conceito. O fenômeno da repetição, por assim dizer, é postulado por Freud como uma ação que ocorre quando o sujeito não pôde produzir uma tradução da experiência que lhe marcou. Como vimos anteriormente, as experiências produzem marcas no psiquismo, e rememorar é uma tradução, uma transcrição, do traço de memória (*Erinnerungsspuren*) dos domínios do inconsciente para a consciência.

Porém, há casos em que a rememoração traz consigo um *quantum* de afeto que provoca desprazer, e, para se proteger desse desprazer, o Eu barraria a tradução dos traços, afastando da consciência a rememoração da experiência desprazerosa. No entanto, esses traços poderiam acabar retornando, se fazendo presentes sobre o corpo sem passar pelo domínio da linguagem. O retorno sobre o corpo não se daria apenas sob a forma de um sintoma, como cegueira histérica, espasmos nervosos ou paraplegia; manifestar-se-ia também sob a forma de ações repetidas indefinidamente. Freud (2010 [1914]) denominará este processo, em que um certo registro psíquico vai do inconsciente diretamente para o campo da ação, como “passagem ao ato”.

Para nós o interessante é notar que Freud (2010 [1914]) conceitua a repetição como uma forma singular de recordação. É verdade que se trata de uma modalidade de rememoração em ato e que o sujeito não tem consciência de que o faz, mas, ainda assim, se trata de uma modalidade de memória. Desse modo, Freud (2010 [1914]) nos fornece os indícios para que comecemos a questionar o papel que uma certa rememoração pura e simples possuiria na terapêutica analítica. Dito de outro modo: se a repetição nela mesma é uma forma de recordar, então a recordação por si só não pode implicar na cura do sintoma. Assim, algo mais precisa entrar na equação.

Como um movimento que possibilitaria sair desse curto-circuito de repetição, Freud (2010 [1914]) nos apresenta o “trabalho de rememoração” (*Erinnerungsarbeit*). Este trabalho se refere a uma ação a partir da qual o sujeito investiria afetivamente, libidinalmente, a fim de tentar quebrar as resistências que se fazem, impedindo a rememoração, para desse modo produzir uma elaboração da experiência que produziu uma marca no psiquismo.

No modo como Freud (2010 [1914]) conduz sua teorização, o trabalho de rememoração (*Erinnerungsarbeit*) não é pensado como algo que se dá de forma espontânea. Pelo contrário, inscreve-se na condição de um movimento contranatural – visto que o princípio primário do organismo é tentar evitar o aumento de tensão no sistema psíquico e, conseqüentemente, o desprazer. Para que o trabalho de rememoração se efetue, é necessário que o indivíduo invista libidinalmente. Assim, a elaboração do traço de memória (*Erinnerungsspuren*), outra parte do tripé que sistematiza o movimento de análise em “Recordar, repetir e elaborar” (2010 [1914]), mostra sua importância fundamental naquilo que podemos entender como uma cura em análise. Trata-se de produzir rearranjos e traduções dos traços de memória, produzir narrativas.

O ensaio freudiano sobre o trabalho de luto, em “Luto e melancolia” (2010 [1915]), nos oferece contribuições teóricas de grande valia para o pensamento que aqui almejamos empreender. Tal obra nos permite pensar a respeito de como a elaboração da perda coloca em jogo uma forma de “cura” que envolve mais do que apenas uma espécie de ritual fúnebre em relação ao objeto de amor perdido, pois, por meio deste ritual, enterra-se o objeto anterior e, em seu lugar, um novo é colocado.

Esse movimento não seria característico do luto ou da melancolia, conforme Freud (2010 [1915]) os teoriza. A razão para tal residiria no fato de que a relação de investimento libidinal nos objetos de desejo não se constitui como um balcão de trocas, em que é possível cambiar objetos. Na situação em que o objeto de amor deixou de existir, a prova de realidade exige que toda libido renuncie ao vínculo que a liga ao objeto. É contra essa exigência que uma revolta compreensível se dá, pois ao nível das instâncias psíquicas, o objeto ainda existe. É somente a partir de um trabalho de luto – em que o sujeito elabora as modalidades de presença do objeto e sua posição subjetiva em relação a ele – que, enfim, pode se tornar “livre” (FREUD, 2010 [1915]).

Seja no trabalho de memória, que produz uma fuga do circuito de repetição, ou no trabalho de luto, que permite que a libido se ligue finalmente a outros objetos de desejo, a elaboração da experiência deve vir acompanhada de uma retificação subjetiva do sujeito junto à sua experiência. É apenas na medida em que a linguagem entra em cena e o sujeito transforma sua posição dentro da narrativa criada, que as experiências podem ser realmente ressignificadas e algo como uma cura do sintoma torna-se possível.

Em “Além do princípio do prazer” (2010 [1920]), Freud narra um caso que pode dar contribuições particularmente interessantes para o desenvolvimento da tese que defendemos

neste trabalho. Na obra supramencionada, o referido autor propõe a análise de uma brincadeira que seu neto realizava ainda muito novo, na fase em que começava a sofrer com os primeiros barramentos em relação à sua mãe. Não se trata da análise de um caso clínico, e não é a cura em análise que está em jogo, mas, por meio deste relato, Freud toca de forma indelével os registros do sofrimento e da angústia, que, com as retificações subjetivas, elaborações de narrativas e cura analítica, mantêm uma relação bastante íntima.

Freud (2010 [1920]) narra que, ao ser deixado sozinho pela mãe, seu neto começou a brincar com um carretel, o qual ele lançava, ainda preso a uma linha, para longe. Ao realizar este movimento, gritava “*fort*”, de forma que a pronúncia do “*o*” era feita de forma bastante demorada. Na sequência, quando o carretel se encontrava distante e particularmente escondido atrás de algum objeto ou debaixo de algum móvel, ele o puxava através do barbante e bradava “*da*”.

Na leitura que Freud (2010 [1920]) realiza, essa brincadeira, a qual aparentemente não possui muito sentido, ganha significações particularmente relevantes. Isto acontece, pois, em alemão, “*fort*” é uma palavra que, na sua forma de interjeição, pode possuir o sentido de “fora” e, nos casos em que é utilizada como um adjetivo, também pode realizar a marcação de algo que está “ausente” ou “afastado”. Por sua vez, a palavra “*da*” pode ser traduzida, de maneira literal, como “aqui”.

Assim, para Freud (2010 [1920]), a brincadeira que seu neto atuava mostrava a criança utilizando os recursos que possuía, nesse caso uma brincadeira de uma ponta à outra cortada pela linguagem, para lidar com a angústia que lhe afligia por ter o acesso ao objeto de desejo barrado naquele momento. Desse modo, não apenas na clínica, mas em toda a constituição de modalidades singulares de subjetividade, a linguagem aparece como elemento fundamental para lidar com a angústia que atravessa o sujeito, desde sua mais tenra infância até a morte.

A partir do que foi exposto, pensar a constituição de modalidades de subjetividade em Freud é pensar uma articulação na qual estão continuamente implicadas linguagem e memória. Da cura do sintoma, como fio condutor de análise em parte desse trabalho, às infinitas possibilidades de constituição de modalidades singulares de existência, que emergem como formas de lidar com o registro da dor e da angústia, é sempre uma elaboração dos traços mnêmicos e da posição do sujeito junto à narrativa que construiu de si mesmo e do outro que está em jogo.

Considerações finais

Após esse percurso, pudemos apreender a ideia de que a significação da memória, na teoria freudiana, possui sempre um caráter de *a posteriori*. Isto não se deve apenas ao fato de que os traços mnemônicos são constitutivamente atravessados pelos desejos inconscientes ao serem marcados sobre o aparelho psíquico, não mantendo, portanto, uma relação de espelhamento ou operando tal qual um sinete na cera com a experiência vivida.

Esta natureza *a posteriori* que corta a significação da memória deve-se também ao fato de que toda rememoração é trabalho que demanda investimentos afetivos por parte do indivíduo. Dessa maneira, a rememoração diz respeito a um exercício de rearranjo, a partir do qual uma tradução dos traços é realizada e uma produção singular de narrativas é posta em marcha.

Esta potência de rearranjo das marcas, dos signos, é aquilo que permitirá que a clínica psicanalítica se funde como tal, pois dessa propriedade depende toda possibilidade de significação e ressignificação das experiências traumáticas sob a qual a ideia de cura se baseia. Podemos afirmar que a ideia de cura não possuiria a densidade teórica que tem caso os acontecimentos de uma dada realidade material ficassem marcados, tal qual aconteceram, de forma irremediável sobre o sujeito.

Deste modo, toda experiência de cura na teoria psicanalítica de base freudiana é uma produção de subjetividade que coloca em articulação a memória – através da elaboração e do trabalho de memória – e a linguagem – na condição de elemento estruturante de todo psiquismo, como fundamentos de um trabalho de produção e ressignificação.

A ideia de cura de que Freud falava marca uma singularidade do discurso psicanalítico, principalmente se comparado ao discurso médico-psiquiátrico. Se entendemos a cura médica como um retorno à condição anterior à doença, a cura psicanalítica leva para um lugar completamente diferente daquele ocupado inicialmente pelo sujeito em sua posição junto a seu sintoma. O que está pressuposto nesse movimento é a elaboração de modalidades singulares de subjetividade em que o indivíduo é capaz de criar uma narrativa a partir da qual um sentido sobre si e sobre o outro possa ser produzido.

As análises que conduzimos indicam também que esse movimento, no qual se articulam memória, linguagem e produção de subjetividade, não pode ser reduzido à experiência clínica. Seu caráter deve ser ampliado a toda a extensão da existência, de modo que a linguagem está na fundação do sujeito e acompanha seus modos de lidar com os

registros da angústia e do sofrimento. Dito em outros termos: a subjetividade do indivíduo freudiano emerge sempre num cruzamento entre memória e linguagem.

REFERÊNCIAS

BREUER, J.; FREUD, S. Estudios sobre la histeria (1893-1895). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – Tomo II**. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

FOUCAULT, Michel. **O que é um Autor?** (1969). Lisboa: Vega, 1992.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – Volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1915). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – Volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-193.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – Volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud Obras completas – Volume 4**: A interpretação dos sonhos (1900). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria (1896). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume III**: Primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899). Rio de Janeiro: Imago, 2006. 187–215p.

FREUD, Sigmund. Brief 52 (1950 [1896]). In: FREUD, Sigmund. **Aus den Anfängen der Psychoanalyse**: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren, 1887–1902. London: Imago Publishing Co. Ltd., 1950. p 185-192.

FREUD, Sigmund. Project for a scientific psychology (1895). *In*: FREUD, Sigmund. **The Origins of Psycho-analysis: Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887–1902**. London: Imago Publishing Co. Ltd., 1954. p. 347-445.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente** (1970). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise** (1987). Santos: Martins Fontes, 2001.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Laelson Matos Ribeiro Júnior

Mestrando, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: laelsonmrj@gmail.com

Edvania Gomes da Silva

Possui Doutorado em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Docente Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Atua no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS – UESB) e no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin – UESB); Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis). E-mail: Edvania.gomes@uesb.edu.br